mocidade
portuguesa
feminina

SUMÁRIO

O «VISTO» DE DEUS

LAGOA DAS FURNAS
(Carta dos Açôres)

A M. P. F. NO PORTO

PRAZERES DA NEVE

DUAS PRINCEZINHAS

A MULHER NA HISTÓRIA DE PORTUGAL

PÁGINA DAS LUSITAS
(«A lição de Maria Carlota» e a «Coragem de Teresa Telles»)

O LAR
(Lavagem da roupa)

TRABALHOS DE MÃOS
(Toalha em ponto de cruz)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

Boletim Mensal ~ Fevereiro de 1941 ~ Assinatura ao ano 12$00 ~ Preço avulso 1$00

O "visto" de Deus

MANDA uma regra da burocracia que certos documentos: petições, etc., antes de subirem a despacho ou seguirem seus tramites normais, levem o «visto» do respectivo director ou superior hieràrquico. Tem a burocracia esta exigência para acautelar de possíveis erros ou mentiras nas informações fornecidas pelos interessados. O «visto», com a assinatura que o valorise, dá seguimento ao processo ou ao requerimento — autoriza a pessoa a suplicar, abona e classifica a pessoa ou a acção.

* * *

Sem esta espécie de burocracia e sem **«visto»,** anda a vida de muita gente. Se costumássemos surpreender-nos de momento, a examinar-nos e a julgar pensamentos ou acções, talvez tivéssemos de verificar que tantas não tinham... o «visto» de Deus. Explica-se agora porque certas petições ficam a meio caminho e até sejam menos dignas, ou indignas de todo, de seguir até ao Céu — a repartição onde Deus dá despacho: ao Céu e à consciência.

Pensamentos, desejos, votações, acções, sem êste «visto» não as terá havido, não as haverá ao presente, em monte, sem despacho, por isso, a esperarem audiência e deferimento, na vida íntima de cada rapariga da M. P.?

* * *

Ao *guichet* onde Deus atende todos os pedidos e reclamações — passa cada dia, desde todo o sempre, a multidão. Passo eu... Passo cada dia: a cada acção, e a cada instante, tal-qual sou — e sem possibilidades de enganar.

Que «visto» pôs hoje Deus às tuas vinte e quatro horas e aos sessenta minutos de cada uma das tuas obras e a cada pormenor delas?

* * *

Por onde Êle julga e aprecia?

Existe esta lei fundamental: — cada acção nossa, de ordem íntima ou externa, deve corresponder ao plano, à ordem, que Deus poz desde de todo o sempre, ao mundo e ao homem. E' a Vontade de Deus que regula o movimento do céu e da terra. *O que Êle quere:* — eis a regra de todas as regras.

Pràticamente: — *o teu dever de estado* é a melhor tradução e certeza do que Êle quere de ti. A cada momento estás sob a alçada da lei: de dia e de noite; quer queiras quer não queiras. Tu e todos.

Se, pois, ao dobrares a fôlha do livro da tua vida, ao entrares em ti, antes de adormeceres, verificares que ela tem o «visto» de Deus, «visto» de aprovação, com nota boa: *bem, muito bem, óptimo* — dorme contente: cumpriste. Não estragaste a ordem eterna com que Êle rege o mundo.

E por aquele inter-câmbio que preside e anima o grande corpo da humanidade — e os batisados em Cristo sabem-no melhor que ninguém — o teu dia assim bem cheio, com aquele «visto» de louvor, foi melhorar, elevar, a bondade do mundo, porque: — *«Uma alma que se eleva, eleva o mundo».*
disse a pena e a alma de uma mulher, madame Leseur.

* * *

Horas sem «visto» — acções sem «visto»: — tal leitura, tal conversa, tal divertimento, tal estudo ou tal aula, sem o «visto» de Deus... — páginas da tua vida, reprovadas, sem o «visto» de Deus...

E' recordar... Tem a coragem de verificar o estado do teu processo espiritual e humano... Que despacho pretendes?

Assegura-o com mereceres, com a paz e a alegria de consciência, para a cada momento poderes ter um bom «visto» de Deus.

Ouve lá: Há por aí, por essa alma fóra, alguma conta, algum canto, fôlha ou linha, sem a boa aprovação de um «visto» de Deus — dêsses que valem por tudo — e que valem tudo?

G. A.

LAGOA DAS FURNAS

CARTA DOS AÇORES

Ermida de José do Canto, Furnas, S. Miguel

"A' minha direita, ao longe, contornando a Lagoa, passa a estrada„

— Lembrei-me de vocês. Tenho pena de ser só eu, a vêr tanta beleza.

Queria trazer-vos aqui, a esta Ilha; mostrar-vos hoje o Lago Verde e as montanhas próximas; falar-vos do mar que se adivinha, mais importante do que tudo o que se vê...

Para uma Ilha, o mar é a Estrada que leva a todo o Mundo; o caminho por onde a Esperança vai e vem...

Descanso do coração e alegria da vista, sim! mas também respeito profundo, e temor do Desconhecido, que só Deus conhece...

Aqui não se vê o Mar. Da minha janela, as montanhas parecem doiradas de manhã, e reflectem verde e oiro num espelho de água doce... Este jardim — tão bem tratado e cheio de flores! — entra em semi-circulo na Lagôa. Sento-me no muro baixo, numa tarde como a de hoje, e parece-me que êste é um dos cantos mais maravilhosos do Mundo: Lagôa quieta e como que gelada; como um vidro fôsco onde as coisas e as côres se tornam imprecisas e suaves... Mil tons de verde alegre e mil tons de verde triste descem dos montes às margens! Enterram-se na água e ali ficam até ao sol-pôr, diluidos, prolongados, imóveis, junto à folhagem misteriosa... Esta é a margem à minha esquerda. A'gua escura e profunda, ramos debruçados em gestos protectores, ravinas que se retiram de nós, na direcção do céu...

A' minha direita, ao longe, contornando a Lagôa, passa a estrada que vem de Ponta Delgada, e vai para o Vale das Furnas. Essa margem é mais baixa, menos pitoresca! Mas é também margem dum vale chamado a Lagôa Sêca onde, rezam as crónicas, esta Lagôa existia antes de ser para aqui entornada, por uma convulsão vulcanica!

Não sei se já disse que estou na Ilha de S. Miguel, nos Açores... E êste nome de «Furnas» ou «Caldeiras» é dado às nascentes de água férrea ou sulfurea, que há séculos refervem neste vale e nas margens da Lagôa.

São dignas de se vêr, misteriosas e quási aterradoras, no seu eterno cachoar de lamas de enxofre; envolvida naquele fumo branco, morno e humido, cujo «perfume» faz lembrar a mais infantil noção do inferno!...

Vestigios duma terra incerta, de cataclismos e vulcões, que Deus, por milagre, foi amansando, para os Portugueses habitarem.

. . . .

Numa casa nobre, que foi antigo convento de Jesuitas, nos arredores de Ponta Delgada, há um salão forrado de azulejos de Jorge Colaço. Recente adaptação de uma casa antiga ao gôsto antigo, esses quadros de azulejo representam actos heroicos ou notáveis de antepassados dos donos da casa.

Desde Martim Moniz, morrendo na Porta de Lisboa; e Vasco Eannes Côrte Real que foi um dos herois da conquista de Ceuta; e Pedro Botelho que deu a Nun'Álvares o seu cavalo na batalha de Aljubarrota, — até Manuel de Sousa Estrela a quem o Papa no século XVIII entregou em Roma uma Reliquia do Santo Lenho — vamos com êles seguindo por alto a História de Portugal. E desde a descoberta destas Ilhas, podemos dizer: História dos Açores! Pois muitos homens ilustres daqui sairam para mais se ilustrarem servindo a Pátria, e aqui voltaram para descansar e morrer...

Seguindo os quadros de azulejo, vejo João Soares de Albergaria (sobrinho de Gonçalo Velho Cabral) recebendo das mãos do Infante D. Henrique o titulo de capitão donatário (o primeiro) das Ilhas de Santa Maria e São Miguel. — Adeante está João Vaz Côrte Real, que foi o pai dos conhecidos Gaspar e Miguel, de quem se fala por terem descoberto a Terra Nova. Dos filhos mais se fala na História, mas foi João Vaz Côrte Real quem primeiro pisou terras do Novo Continente. Daqui partiu, e aos filhos deixou, como herança o segrêdo da sua descoberta d'além atlântico...

Tornando a lembrar Manuel de Sousa Estrela, penso que

a sua vida foi doutro género, mas meritória. Esse, tendo a fortuna e as honras do mundo, abandonou tudo pela simples espiritualidade. Para cumprir um voto, partiu de S. Miguel e foi a Roma, caminhando a pé sempre que foi possível. Com a preciosa Reliquia do Santo Lenho aqui voltou, e fundou um convento onde acabou os seus dias, e erigiu uma capela, onde se vê o seu escudo.

Noutro quadro vejo Francisco Leite atacando e tomando aos Espanhois, na época da Restauração, o castelo de Angra do Heroismo, na Ilha Terceira.

Castelo que era considerado dos mais fortes e bem defendidos do seu tempo!

Mas há um quadro que especialmente me impressiona, talvez pela filosofia com que foi encarado por mestre Jorge Colaço um facto bem conhecido. Diz a legenda: «Gonçalo Velho Cabral, descobre os Açores». — Mas, o que se vê no primeiro plano, não é o monge guerreiro que de Almourol achou o caminho até aqui! Ele e o entusiasmo de chegar, e a anciedade dos portugueses, apenas são representados por uma caravela minúscula, a despontar no extremo horizonte dum mar imenso!... Perto de nós, num promontório da Ilha desabitada, um milhafre (um açôr como êles chamam) contempla, com olhar duro, o invasor... Ele, representa a Descoberta, vista do lado em que menos pensamos!... Faz-me sorrir, e reflectir... Como é possivel para nós, imaginar ou compreender a imperceptivel sensação das coisas, o enevoado pasmo dos milhafres, no primeiro ante-contacto com os homens? Só Deus conhece a Paz ou as convulsões de que esta Ilha viveu desde o principio dos Séculos...

Nós, conhecemos o desassocêgo dos homens; o seu esfôrço e a sua tenacidade, aqui; a audácia com que se lançaram destas Ilhas para novas descobertas; e a coragem com que de vez em quando abandonaram a luta colonisadora com a terra brava, para acorrerem ao Continente, a combater os inimigos dos seus Reis!

Cem anos depois de Frei Gonçalo Velho descobrir, no dia 15 de Agosto, a Ilha que por isso se chamou de Santa Maria, — cem anos depois, já os colonos se chamavam Ilheus e açorianos, com tanto orgulho como se chamavam portugueses! As principais vilas estavam fundadas; havia igrejas e solares; havia amor à Terra e triunfo sôbre a Terra,

Hoje, venho num transatlântico até São Miguel, e tudo fácil. Dentro do porto o mar não conhece temporais.

A cidade de Ponta Delgada é calma e extensa... Não uma grande capital, mas já tem, como se sente, uma História.

Dali às Furnas, onde estou, são 40 km. de estrada, de uma beleza indescriptivel! O automóvel corre entre sebes de hortensias, dum azul quási agressivo... São voltas e voltas que as hortensias vão incansàvelmente debruando... Fica-se extactico!

E o mar dum lado, e as terras do outro; e, por tôda a parte, cobrindo a terra, a folhagem emaranhada incrivel duma vegetação tropical. É uma terra fertil e forte, e nenhuma geração passa sem que homens daqui se notabilisem.

Tendo falado de alguns dos primeiros de todos, lembro-me agora de outros mais recentes.

O grande poeta Antero do Quental, que enxertou no puro romantismo a sua ansiedade intelectual e filosófica — nasceu em São Miguel; e, aqui, tão desgraçadamente, veio a morrer!...

Também era de São Miguel, o conselheiro Dr. Ernesto Hintz Ribeiro, que foi um dos maiores nomes dos últimos anos da Monarquia. Lembro-me de ouvir contar que, numa festa no Eliseu, em Paris, pela ocasião de ser agraciado com a Tosão de Ouro o Presidente Loubet, Ernesto Hintz Ribeiro fez uma entrada sensacional, pois era o único homem ali que ostentava a insignia da «Tosão de Ouro»!

Também açoreano era o Dr. Manuel d'Arriaga, primeiro presidente da República, em Portugal; espirito culto e profundo, duma bondade que a todos atraia, dum idealismo que, a alguns, desconcertava... E quantos mais...

Mas, por hoje, caiu a noite, sôbre a Lagôa. No silêncio absoluto, saltam as carpas fóra de água torvando o reflexo das estrelas. É tudo lindo, mas não digo mais nada. Não quero maçar! Boa noite!

MARIA DA GRAÇA

Lagoa das Furnas

Sessão solene para imposição de insígnias á M. P. F.

1.º de Dezembro — À saída da missa da M. P. F.

Exposição de berços e enxovais da M. P. F. para crianças pobres

A M.P.F. NO PORTO

A cerimónia da imposição de insígnias às graduadas, em 1 de Dezembro de 1940, realizou-se no salão de festas do Liceu Rodrigues de Freitas. Presidiu a Ex.^ma^ Presidente da O. M. E. N. no Pôrto, que tinha, à direita, o reitor do Liceu e à esquerda a Delegada Provincial da M. P. F., Senhora D. Hilda Corrêa de Barros, fazendo ainda parte da mêsa a Senhora D. Ana Seabra, Secretária da Senhora Condessa de Lumbrales, a Sub-Delegada no Pôrto, Senhora D. Mariana Ignez de Mello e a Senhora D. Henriqueta Lemos Viana, Adjunta da Sub-Delegada.

Colaborou na festa o orfeão da M. P. F., sob a regência do maestro Afonso Valentim.

O programa constou de:

Duas palavras pela Delegada Provincial; Imposição de insígnias às graduadas «Chefes de grupo»; Conferência sôbre o dia 1.º de Dezembro pela Senhora D. Henriqueta Lemos Viana; Duas palavras pela Sub-Delegada no Pôrto; Duas palavras pela chefe de Grupo, Maria dos Prazeres Couceiro da Costa.

A Delegada Provincial, senhora D. Hilda Corrêa de Barros, dirigiu às Filiadas um discurso que reproduzimos quási por inteiro:

Minhas raparigas:

Não sei se vocês notaram que, nos convites para a nossa festa de hoje, há uma pequena diferença em relação ao que é costume. Não se convida para uma sessão solene, mas para uma sessão festiva.

O exemplo foi dado, no ano passado, pelo Comissariado Nacional e veio absolutamente ao encontro do que eu tanto tenho desejado. Nesta simples mudança de nome está um programa de acção.

Se há capítulo onde eu sei o que quero é êste: o da feição alegre, viva, a dar aos trabalhos da Mocidade Feminina. — Na Mocidade nós queremos aproveitar as fôrças que a natureza vos deu, encaminhá-las bem, queremos aproveitar essa vida exuberante das almas moças, que uma educação mal entendida tem tantas vezes tendência a abafar, para vos fazer aprender por vontade vossa, com gôsto, com entusiasmo, com alegria.

Nunca me sinto tão bem como quando estou em contacto directo convosco; preciso mesmo dêsse contacto para ganhar confiança na obra que é necessário realizar.

Entendo-vos bem e tenho a certeza de que vocês me entendem. Respeito a vossa alegria e farei tudo por que ela continue e vos acompanhe até ao fim.

Mas, falando de alegria, é preciso vêr bem de que alegria se trata — por que há uma alegria verdadeira que enche a vida e a torna útil — e há uma falsa alegria que nos engana e deixa de mãos vazias.

A verdadeira alegria vem de dentro, duma alma sã e num corpo são, do dever cumprido, da consciência tranqüila, da graça livremente aceite e correspondida.

Nós somos obras de Deus, fomos criados com um fim e, se nos subordinamos a êle, sentimos, como um éco, a nossa natureza a aprovar-nos dando-nos a alegria.

A verdadeira alegria resiste a tudo, nas circunstâncias mais tristes, triunfa.

Vejam o que dizia S. Paulo aos cristãos perseguidos, ameaçados de morte: parecemos tristes, no entanto estamos sempre alegres.

E' essa alegria que eu quero que vocês tenham. E, se é natural que ela, depois, se expanda e se revele nas pequenas coisas como nas grandes, se vos acompanha nos recreios e nas brincadeiras indispensáveis à saúde moral, como no estudo e no trabalho, não deixa de ser uma alegria verdadeira porque tem raízes.

Aos vossos olhos, pouco experimentados, pode não se distinguir, fàcilmente, da falsa alegria, — mas essa é agitação, exaltação forçada, ruído para abafar a voz íntima que pede coisa melhor.

A alegria falsa tem-na quem corre de divertimento para divertimento, sem um segundo para se concentrar ou para cumprir o seu dever.

Tem-na quem, por egoísmo, sacrifica os outros e nisso se sacrifica também, porque o egoísmo só produz a infelicidade, o descontentamento.

A verdadeira alegria lê-se no olhar direito, no sorriso aberto e franco, no porte natural, nos movimentos expontâneos, no feitio simples. A simplicidade é o que há de maior.

A falsa alegria vê-se na expressão forçada, nos olhos cansados, nas costas curvadas como que por um pêso, nos movimentos contrafeitos.

E, no fundo, não é alegria, é tristeza.

Digo isto especialmente a vocês, graduadas, porque vão educar.

Em todas as raparigas que vos forem confiadas, existem os elementos desta alegria verdadeira. E' preciso que vocês os respeitem, os animem e os auxiliem. Mas só podem fazê-lo se vocês possuirem essa alegria — porque cada um procura nos outros o que tem em si.

Devem ir ao encontro das mais novitas com todo o carinho, descobrir o que nelas há de bom — que é quási tudo. Lidar com elas como irmãs mais velhas, fazê-las desabrochar.

E, assim, sem violência, tê-las-ão encaminhado para o que há de grande na vida, tê-las-ão ajudado a tornar-se mulheres úteis, fortes e felizes.

Como ainda há dias vos disse, na vossa maneira de lidar com as mais novas, não se trata de lições, não se trata de ordens dadas de cima.

Quere-se a influência directa de cada rapariga sôbre as que estão a seu cargo, quere-se a educação de alma a alma, que é a única que fica, a única que vale — quere-se o exemplo que se dá, o entusiasmo que se comunica, a amizade que se inspira.

Julgo que é êste o método bom. Não o esqueçam, minhas raparigas, nestes anos em que pertencem à Mocidade, não o esqueçam em todos os anos da vossa vida — agora com as raparigüitas que vos confiamos, amanhã, quando os tiverem, com os vossos filhos.

8 de Dezembro — Bodo aos velhinhos

1941

1908

1904

Guarda

PRAZERES DA NEVE

O ski é um desporto moderno em Portugal.

Mesmo nos países estrangeiros, onde a neve está mais próxima e é mais abundante e duradoura, o ski começou há poucos anos. Era a patinagem que tinha as honras nos divertimentos de inverno.

O ski, mal conhecido, era quási exclusivo dos povos do Norte, distinguindo-se nele os lapões que, usando os skis por necessidade, se tornavam, naturalmente, exímios neste desporto.

A palavra ski tem até a sua origem em se chamarem Skidefinney, ou simplesmente, skis, os habitantes da Finnemark, província da Noruega perto da Lapónia russa.

E' sôbre skis — duas pranchas de madeira, de 2m de comprimento por um pé de largura, ligeiramente recurvadas nas pontas e seguras aos pés por correias — que os lapões se transportam sôbre os campos cobertos de neve e os rios e os lagos gelados.

Com os skis sobem e descem as montanhas, apoiando-se sôbre um bordão que levam nas mãos e lhes serve para travar uma excessiva velocidade.

Se encontram um obstáculo, transpõem-no àgilmente, em saltos que atingem por vezes a altura de alguns metros.

Com esta prática não admira que os lapões sejam campiões de ski!...

Os desportos foram sempre apreciados.

A patinagem, exercício alegre e sàdio, teve, desde sempre, as honras da moda.

Nos figurinos do século passado não faltavam modêlos de toilettes para a neve.

Um bocadinho diferente dos modêlos de hoje, valha a verdade!...

As elegantes dêsse tempo, e até de começo já dêste século, vestiam-se de veludo e guipure para patinar!... Um casaco de peles defendia-as do frio e dava a nota mais chic. Um regalo de peles e um aparatoso chapeu de plumas, completavam a toilette (fig. I).

Depois começaram a aparecer os skis. E o vestuário, embora se simplificasse um pouco, conservou ainda as compridas saias cloche que hoj fariam gritar de horror as nossas desportivas, se tivessem de vesti-las!...

Mas nem porisso as nossas antepassadas deixavam de correr ligeiras sôbre a neve!

Em Portugal, o ski vai tendo cada ano mais adeptos.

A Serra da Estrela, até ainda há pouco desconhecida e desaproveitada, começa a ser cada vez mais procurada para os desportos de inverno.

Facilidades de condução e de alojamento levam às Penhas da Saúde grupos alegres de gente nova que faz as suas delícias em dar trambulhões sôbre a neve! Não se aprende a patinar ou a fazer ski sem dar muita queda — felizmente que a neve é macia!

Mas tão grande é o prazer de deslisar sôbre a neve que essas quedas frias não arrefecem o entusiasmo...

Dizem os apaixonados do ski que «uma semana de ski é uma semana de felicidade tão verdadeira, tão completa e tão simples, que não se compreende que os homens tenham levado tanto tempo a descobri-la.»

Ainda bem que os homens acabaram por descobrir, nas alturas imaculadas das montanhas, o paraíso perdido!

Coccinelle

DUAS Princezinhas

POR

Maria d'Eça

A Princesa Margareth Rose

HÁ neste momento duas princezinhas que interessam tôda a gente. Tendo o seu pais, a sua capital, continuamente ameaçada de bombardeamentos, quilómetros de cidade num brazeiro ardente, conservam-se junto de seus pais, os Reis de Inglaterra, compartilhando o perigo dos seus súbditos.

Muita gente, quási tôda, enviou os seus filhos para o campo, e até para fóra de Inglaterra, para o Canadá. Os Reis não o fizeram e têm junto dêles as suas duas filhinhas, uma de treze anos e a outra de dez.

Até à guerra a vida das duas meninas era uma vida de sonho. Criadas como são as crianças inglezas numa vida sã e infantil, elas tinham os divertimentos próprios para a sua idade, e a disciplina rigida da «Nurvery» que forma a alma, cumpridora dos seus deveres, dos inglezes.

Elisabeth, a mais velha, foi desde a mais tenra idade uma criança forte, energica, inteligente; herdeira do trono, ela teve sempre a consciência da sua situação. Tinha trez anos, fugiu um dia da «Nurvery», quando estava hóspeda de seus avós em Balmoral Castle, desceu as escadas, saiu para o grande páteo, e passou deante da sentinela que lhe apresentou armas; a criança, encantada, correspondeu muito gravemente, e começou a passear muito empertigada deante do soldado que todas as vezes que ela passava junto dêle lhe apresentava armas. Assim a vieram encontrar quando deram pela sua falta, e quando a obrigaram a entrar para o palácio teve uma grande perrice, que só acalmou quando sua mãi, que é uma grande educadora, lhe disse que como herdeira do trono devia respeitar os soldados e não os cansar, obrigando-os a um exercício contínuo.

Vi-a em Londres, atravessar Hyde Park sentada na carruagem, a sua aia em frente, tôda vestida de azul, os cabelos loiros e encaracolados ao vento, saúdada por todos, sorrindo e acenando com a sua mãosinha de criança, branca e forte.

Margareth Rose, a mais novinha, é uma criança tímida e muito sensível, que ama a sua mãi apaixonadamente. Foi-lhe dolorosíssima a separação durante a Régia visita ao Canadá, e foi impressionante quando do entêrro do seu avô, à passagem do Cortejo em Picadilly, onde então habitavam porque seu pai era apenas o Duque de York, se abriu uma janela e apareceu a criança chorando convulsivamente. Sua mãi, que é também uma médica distinta que muito se ocupa dos hospitais de crianças em Londres, tem tido uma verdadeira arte de mãi e de educadora para tornar apta para a vida esta natureza tão impressionável e tão sèriamente dotada de sensibilidade de alma e de coração. E Deus quiz que fôsse bem experimentada esta menina tão delicada.

Muito desportivas ambas, como boas inglezas que são, gostam imenso de estar em Balmoral onde fazem uma vida de desporto. Equitação, remo, ténis e natação, são os seus desportos favoritos e Margareth Rose ganhou o ano passado, o primeiro prémio para crianças numa festa de natação organisada pelo Club de Natação de Londres.

Elisabeth e Margaret Rose tem acompanhado algumas vezes seus pais, os Reis de Inglaterra, nas visitas que estes fazem aos locais bombardeados, e assim compartilham das dores do seu povo, que tão corajosamente tem sofrido e preparam a sua alma para a luta da vida que a guerra torna mais árdua.

As duas princezinhas, para quem a vida só tinha sorrisos, viram de repente tudo mudado à sua volta e educadas por uma mãi que é uma verdadeira cumpridora dos seus deveres, esta dá-lhes o exemplo duma vida dedicada a cumpri-los integralmente.

E arriscando a sua vida, acompanhando seus pais, as pequenas princezas dão a todas as crianças um exemplo que convém tornar notado, porque é o exemplo do dever cumprido, sempre um dos melhores exemplos que podem dar aqueles a quem Deus deu um lugar de destaque no mundo.

Que as raparigas de Portugal contemplem com simpatia o retrato das princezinhas inglezas, mais simpáticas no infortúnio da guerra do que seriam numa vida sem revezes.

A Princesa Elisabeth

D. Constança Sanches

A MULHER NA HISTÓRIA DE PORTUGAL

D. Filipa de Vilhena

Ao acabar de ler um livro há pouco publicado — *A Mulher na História de Portugal* — de que é autora uma ilustre colaboradora do nosso Boletim, a Ex.^ma^ Senhora D. Berta Leite, eu pensei que esse livro mereceria ser conhecido por tôda a M. P. F., pois é um belo «livro de História que se lê sem enfado».

A Autora, com aquela mestria com que seu Pai traçava perfis humanos, dá-nos, nas poucas páginas dedicadas a cada uma das figuras das mulheres portuguesas de que nos fala, um perfil espiritual, que é, por vezes, uma revelação, na feição desconhecida dum pormenor inédito, conscienciosamente documentado, e que ilumina com uma luz nova e captivante essas figuras que passaram, mas sentimos reviver, evocados pela sua pena.

A Mulher na História de Portugal é um livro cheio de preciosos conhecimentos históricos, mas é ao mesmo tempo um livro de formação moral pelos comentários pessoais de que essas notas históricas vêm acompanhadas e nas quais a Autora nunca esquece que tem um ideal: irradiar a sua fé cristã e comunicar a beleza dos seus próprios sentimentos.

E porque o seu livro possue verdade e bondade, sem lhe faltar também beleza, tem arte: aquela arte verdadeira que só existe quando a beleza se não separa do bem e da verdade.

Mas o livro de Berta Leite poderá ter ainda uma outra utilidade para a Mocidade Portuguesa Feminina.

A M. P. F. tem por Padroeiras as Rainhas D. Filipa de Lencastre e D. Leonor.

Mas cada *Ala* terá também a sua *Madrinha*, de quem toma o nome e que deverá servir de exemplo às filiadas.

Esgotados os nomes principais, nem sempre lembram outros que mereçam dar o nome a uma *Ala*, ou, escolhida a Padroeira, nem todas as Dirigentes conhecerão talvez, e menos ainda as filiadas, aquela que deveriam honrar, imitando-a.

A Mulher na História de Portugal poderá ajudar-nos a escolher uma Padroeira que corresponda ao nosso ideal ou elucidar-nos sôbre as virtudes da Padroeira já escolhida.

Em cima: Rainha D. Estefania
Em baixo: D. Tereza Afonso

Quantas vezes o seu nome não nos diz nada porque ignoramos tudo da sua vida! E no entanto quanto teriamos que aprender!

Há nomes consagrados por feitos heroicos, que são geralmente conhecidos; mas quantas outras mulheres nos deixaram exemplos edificantes de virtude, mais modesta, mas sabe Deus se tanto ou mais heroica!

Faz pena vêr tanta portuguesa — *gente d'algo* porque grande foi a sua vida e o seu coração — ignoradas pelas próprias portuguesas!

Tanta alma luminosa que fica na sombra, emquanto, no primeiro plano, só aparecem as figuras romanescas das que não merecem ser seguidas...

Berta Leite com o seu livro vem desfazer muita ignorância e fazer muita justiça.

São 31 as mulheres portuguesas de que nos fala — e pena é que não sejam muitas mais.

Mas, incansável investigadora, ela nos irá dando nas páginas do nosso Boletim outros nomes, antigos e modernos, de mulheres portuguesas que mereçam ser apontados às nossas raparigas como exemplos a seguir.

MARIA JOANA MENDES LEAL

A coragem de Tereza Telles

Na manhã seguinte iria vêr Manuel à prisão; combinaria a sua defeza, pois seria fácil provar o emprêgo dos seus dias e a impossibilidade material de ter sido conivente no rapto da criança. Depois, iria instalar-se em casa do patricio hortelão, que vivia com sua mulher num «cottage» pequenino, perto dos patrões, ricos proprieiários de Cleveland. Deixaria provisòriamente a obra do arranha-céus e abandonaria os seus quartinhos onde tão feliz vivera entre os seus dois filhos. Lembrava-se, também, de falar ao seu empreiteiro, cujo filho era empregado importante no maior jornal de Ohio, Cleveland Plain Dealer, *e pedir-lhe o seu conselho. Esse homem, James Martin, mostrara-se sempre seu amigo, apreciando as qualidades de trabalho e honradez dos dois portugueses; e a sua única filha, a linda Mabel, não era indiferente à inclinação que Manuel sentia por ela.*

Jacinto Teles passou a noite a preparar as suas coisas, a guardar velhos e preciosos papeis: as certidões, sua e dos filhos, o seu passaporte, atestados em seu favor, retratos de velhos ilhéus da sua familia, recordações várias da mulher que perdera...

De manhã, deixando tudo preparado, saiu e meteu-se num taxi até casa de Zé Matias, o hortelão seu patricio.

A' porta do «cottage», coberto de hera de alto a baixo, estava sentada a senhora Maria José, mulher de Zé Matias, fazendo «tricot»; enquanto o seu bébé, trigueirinho como um português que era, dormia, calmamente, no carrinho.

— Olá, primo Jacinto! — exclamou a senhora Maria José — então o que o traz por cá?

Zé Matias, ouvindo a voz da mulher, apareceu no limiar da porta, fumando um velho cachimbo queimado.

Jacinto contou-lhes, em poucas palavras, as desgraças que acabavam de cair-lhe em casa, envergonhando o seu nome honrado.

Combinaram, então, que Jacinto ficaria, provisòriamente, a viver com êles no «cottage».

— Nós, os ilheus, não perdemos a Fé, não é assim, primo? — concluiu a senhora Maria José.

— Nossa Senhora da Candelaria acompanhe os meus filhos — respondeu Jacinto com gravidade. — E Santa Terezinha, que é a Madrinha da Tereza.

— E agora que vais tu fazer com respeito ao teu Manuel? — preguntou Zé Matias, com interêsse.

— Vou daqui já falar ao James Martin; tem um filho no jornal Plain Dealer *e pode aconselhar-me.*

Manuel passara já dias na prisão, trabalhando activamente e sem o menor desânimo. A sua preocupação grave e quási única era a sorte da irmã; e sempre que o pai entrava na sua cela, o grito angustioso dêle era:

— É preciso achar a Tereza! Isso é que é urgente! Isso é que é aflitivo!...

Infelizmente, havia coincidências naquela manhã em que desaparecera o pequeno Rosing, que eram prejudiciais a Tereza. A hora em que a tinham visto passar no referido «square» era quási a mesma em que o petiz desaparecera; e tinha-se encontrado junto à porta do quarto de Tereza, um pequeno urso de pêlo castanho, logo reconhecido pela familia.

Noutra busca feita pela policia nos quartos de Jacinto, achara-se na mala de Manuel um papel com o nome e a morada do banqueiro Rosing. E a letra coincidia duma maneira evidente com a de certa carta de ameaças que o banqueiro recebera dias antes!

O advogado de Manuel abanava a cabeça e estava apreensivo... E ninguém descobria o paradeiro da infeliz Tereza.

Uma queixa em forma contra Tregor como raptor da filha, fôra depositada na policia em nome de Jacinto.

Uma noite, John Martin, vestido de operário, entrou no bar do Jones onde costumavam reünir-se os amigos de Allan Tregor. Sentado a uma mesa pequena, diante dum copo de «gin», John Martin embrenhou-se na leitura dum jornal de box, e com o próprio criado que o servia começou a trocar ideias e opiniões sôbre o seu sport favorito. O nome de Tregor, pronunciado na mesa ao lado, fê-lo dar mais atenção à conversa de dois homens correctamente vestidos que bebiam copos e copos de whisky. E embora continuasse a escutar, com aparente atenção, as explicações dum sôco notável que o criado lhe fazia, acompanhando e animando sempre a conversa com murros de entusiasmo sôbre a mesa, ouviu, distintamente:

— E a mania do Tregor de meter naquilo a tal garota...

— Ideia desastrada!

— O petiz não desceu ainda do avião...

— O Ruby é um ás, e com êsse não há perigo.

Nada mais disseram; beberam, pagaram e saíram, apressados.

John Martin ficou convencido que se referiam a Tereza.

Sobrevoando os montes mais altos de Ohio, a avioneta dos bandidos tentava agora, de madrugada, uma descida em vôo planado até um pequeno outeiro: o motor dava uns estalos suspeitos; era urgente aterrar.

Um rapazito de cinco anos, ainda estonteado pelas drogas com que o tinham adormecido, estava amarrado sòlidamente ao seu lugar; e, de repente, abrindo muito os olhos, preguntou:

— Porque é que me tiraram à Nanny? — O piloto olhou-o severamente e respondeu:

— Sch! — Depois meteu-lhe na bôca uma garrafa de leite, que o pequeno bebeu sem dizer mais nada.

O avião descia agora, não já em vôo planado, mas descrevendo uma espiral perfeita e rápida; e o pequenito, deitando a cabeça para trás, adormeceu.

O solavanco do avião ao tocar a terra foi tão brusco, que piloto e criança saltaram nos seus lugares, e o rapazito começou a gritar.

Ruby, furioso, deu-lhe um ligeiro bofetão e disse, rudemente:

— Se te não calas já, mato-te!

O pobre petiz, com os olhos cheios de lágrimas continuou a soluçar baixinho, sem que se ouvisse a sua voz. Então Ruby pegou no seu aparelho de T. S. F. e escutou num profundo silêncio...

— Nada... — murmurou, irritado. — Estes ventos contrários...

Muito ao longe, pouco mais do que um sôpro, ouviu, porém:

— Pára-quedas... Ponta Vermelha... Sul... Stop. Não. Não. Não...

Nada mais o aparelho captou, e Ruby estava perplexo. Que fazer do petiz, naquela região isolada e montanhosa, longe de quaisquer recursos? O plano da quadrilha era hábil e de êxito quási seguro; mas a aterragem forçada naquele sitio, a demora e agora a falta de comunicação com Tregor e Joey vinham transtornar os planos tão bem arquitectados e cujo lucro deveria ser de muitos milhões de dóllars: largava-se o garoto de pára-quedas na Ponta Vermelha, onde o carro-torpedo, guiado por Allan Tregor, o recolhia imediatamente. Seguiam depois para oeste, através das enormes planicies, até à longinqua propriedade de Joey, onde seria fácil esconder o petiz durante muito tempo. O resgate seria pago numas condições tais que era impossivel apanhar os autores. A quadrilha era tão forte e dispunha de tanto dinheiro! E isso porque, numa suprema habilidade, o próprio Allan Tregor era... um dos importantes funcionários da policia privada! e Ruby, que era o célebre Rob, um dos azes da aviação, levava uma vida dupla e misteriosa de que ninguém suspeitava em Ohio. Que teria sucedido para lhe mandarem a estranha mensagem?

Ruby resolveu jogar a última cartada; tornou a entrar para o avião que de-pressa descolou em direcção à Ponta Vermelha do Sul. Voara já umas boas três horas, quando viu atrás da avioneta outro avião, voando com extraordinária rapidez. Não se lembrava de o ter notado quando aterrara no outeiro; de que lado surgira aquele indesejável companheiro? A velocidade do outro avião era superior à da avioneta de Ruby; o melhor era, agora, ficar para trás... E Ruby abrandou. Mas — oh caso incompreensivel! — o avião, voando agora ao lado da avioneta, também diminuira a sua velocidade, e Ruby estava inquieto.

(Continua no próximo número)

A LIÇÃO DE MARIA CARLOTA

— Olha, Maria Carlota — disse a mãi naquela manhã, aparecendo, de chapeu e luvas, na sala de estudo. — Tenho de ir já à baixa — dá tu mesma a lição de catecismo aos teus irmãos.

— Mas… — começou Maria Carlota, correndo atraz da mãi, que ia já a sair.

— Sim, minha filha, não há que fugir. E, com os teus treze anos feitos, tens obrigação de saber explicar-lhes tudo em termos. — E D. Maria Francisca saiu apressada, deixando o rancho pouco contente.

— Vá, tudo a postos! — gritou Maria Carlota, batendo as palmas.

— Eu não tenho respeito nenhum à menina, digo-lhe já — declarou Alberto, a quem chamavam o Bè.

— Nem eu — resmungou Rita, sentando-se de má vontade ao pé da mesa.

— Carlota, eu tenho! — exclamou Dioguinho, que tinha cinco anos e era afilhado de Maria Carlota.

— Se ela é sua madrinha, pudera! — tornou Bè.

— Com ou sem respeito têm de dar lição — disse Maria Carlota — E vamos já começar com os pecados mortais. Quantos são?

— A mana Rita sabe-os tão bem que até poz os nomes dêles a pessoas! — gritou Bè.

— Que disparate é esse? — preguntou Maria Carlota. Rita não respondeu; mas o terrivel bè gritou:

— A' SOBERBA chama ela *Tia Maria do Carmo*, porque é muito cheia de si; à AVAREZA o *Sr. Gonçalves*, que nunca dá nada aos pobres…

— Isso é uma coisa muito feia, Rita! — exclamou Maria Carlota, indignada.

— A' luxuria não deu nome porque ninguém cá sabe o que é — continuou Bè.

— Nem eu; e a Mãi já me disse que esse pecado não tem nada que vêr connosco — explicou Maria Carlota.

— Mas a IRA para a mana Rita chama-se *Ludovina*, que é aquela pequena que tem um génio de fúria, lembram-se?

— Tudo isso é muito feio; e se a Mãi souber… — tornou a mais velha.

— Espera, que ainda falta a GULA, que ela chama *Primo Francisco*, porque é o comilão mór; e a INVEJA é a…

— Não quero ouvir mais disparates, Bè; e tu, Rita, bem podes envergonhar-te dessa ideia detestável que tiveste: falta de caridade e a negação completa duma das Obras de Misericórdia espirituais — atalhou Maria Carlota, gravemente.

Rita disse, baixinho:

— O Bè escusava de fazer queixa; isto foi uma brincadeira.

— Ainda bem que êle disse, para eu te fazer vêr a tua nenhuma caridade para com os outros, Rita! Se a Mãi soubesse…

— Não lhe diga Carlota, ouviu? — pediu Dioguinho, beijando a madrinha.

— Tanto mais — tornou Maria Carlota — que todas essas alcunhas podem ser injustas, Rita. A Tia Carmo parece emproada, é verdade; mas as criadas adoram-na e ela é que tratou da doença duma delas com a maior dedicação. O sr. Gonçalves nunca dá esmolas, não; mas foi êle que ofereceu as camisolas todas às crianças do Patronato.

— Foi? ! — gritaram Rita e Bè, admirados.

— Já vês que arvorando-te em *justiceira* ainda *levantaste falso testemunho*, o que é, como sabem contra…

— O oitavo mandamento da Lei de Deus — gritou Bè.

— Que exquisita tem sido esta lição — continuou Maria Carlota, desconsolada. Mas Rita, levantando a cabeça, respondeu:

— Olhe, mana Carlota, afinal a lição foi boa. Porque os pecados mortais estão já sabidissimos; a tal Obra de Misericórdia (que deve ser a da *paciência para sofrer as fraquesas do nosso próximo)* estava já um pouco esquecida e agora encaixou-se na minha cabeça para sempre; e o *levantar falso testemunho*, é que lhe prometo não tornar a fazer!

— Bravo, Rita! Assim dou por bem empregada a lição de hoje, meninos; porque o Catecismo bem compreendido é para nos melhorar e não para inspirar ideias maldosas!

— Para dizer a verdade eu até achei piada a esta lição! — concluiu Bè a rir.

Charadas

Apezar de tão magrinha
Tenho muita resistência;
E p'ra bem lidar comigo
E' preciso paciencia.

Quantas mãos, (e pequeninas,
quási sempre de meninas)
Pegando-me sem cuidado
Se queixam amargamente
Sentindo o dedo picado!

Precisam sempre de mim
Para andarem bem vestidas;
Saibam bem, lusitas qu'ridas,
que da camisa ao chapeu
Em tudo colaborei
Em tudo isso eu entrei!

Do que ninguém é capaz
(A não ser um feiticeiro)
é de me tornar a achar
Se me perder num palheiro!

• • •

De apelido portuguez — 1
E tendo sido baptisado — 2
Este homem, na igreja,
Anda sempre atarefado.

• • •

Entre duas montanhas — 1
De côr verdejante — 2
Nun'Álvares batalhou
E, como sempre, ganhou!

A DEDICAÇÃO E A TENACIDADE DUMA LUSITA

Pela terceira vez a generosa Lusita VERA MARIA mandou para as criancinhas pobres uma caixa cheia de lindos brinquedos!

Que feliz ela se deve ter sentido no Natal, ao pensar que tinha contribuido para dar a tantos pobresinhos festas alegres! Bem haja, pois, a boa e encantadora Vera, que tanto gosta de dar e repartir…

A Lusita nunca deve:

- *espreguiçar-se e bocejar.*
- *deixar de ter um lugar para cada coisa.*
  (e cada coisa no seu lugar).
- *Falar alto na rua e nos electricos.*
- *Interromper as conversas das pessoas de respeito.*

LAVAGEM DE ROUPA

Lavagem de roupa

Alguns conselhos

Não se deve sujar a roupa demasiado. Além de ser pouco higiénico, o esfôrço que teria de se empregar para a lavar, estragá-la-ia mais do que lavá-la muitas vezes.

A roupa não se deve conservar muito tempo suja. E' conveniente ter dias fixos para a lavagem da roupa; podendo ser, todas as semanas.

A roupa engomada fàcilmente se corta; não se tratando logo dela, convém passá-la por água fria o mais cêdo possível e assim já poderá esperar.

Não se deve conservar a roupa suja abafada: conserva-se ao ar. Também se não deve guardar molhada e deve-se ter cuidado em a não deixar em sítios onde os ratos lhe possam chegar.

A roupa dos doentes, se a doença é contagiosa, (tuberculose, etc.) deve-se guardar e lavar à parte.

Antes de se lavar a roupa dos doentes mete-se em água com sublimado (meio por 1.000) e depois lava-se em água pura.

Como o sublimado é um veneno muito violento, deve-se guardar com todo o cuidado fóra do alcance das crianças e em condições de não se poderem dar enganos.

Antes de lavar a roupa separa-se a roupa de casa da roupa de vestir, e a roupa branca da roupa de côr; põem-se também à parte os esfregões da cosinha e as peças que tenham nódoas que possam manchar o resto da roupa.

As nódoas devem-se tirar antes da roupa ser lavada; a água quente da barrela fixa as nódoas, por exemplo as nódoas de tinta, de vinho, etc.

Se a roupa vai para a lavadeira, faz-se um *rol*, isto é, toma-se nota por escrito das peças de roupa que se entregam.

Convém também que a roupa esteja marcada.

A melhor água para lavar é a que dissolve melhor o sabão; a água calcárea é a pior e a de chuva a melhor.

Como se lava

1.º — Molha-se a roupa e põe-se-lhe sabão, deixando-a assim ficar durante algumas horas.

O sabão é indispensável para a roupa ficar bem lavada e há vantagem em molhar a roupa com antecedencia para mais fàcilmente se dissolverem as substâncias contendo albumina (sangue, café, clara de ovo, etc.); as secreções do nosso corpo também contêm albumina e, por conseguinte, a roupa trazida junto do corpo deve ser molhada e posta em sabão para se lavar melhor.

2.º — Mas não basta ensaboar a roupa; tem de se esfregar muito bem, insistindo sôbre as partes mais sujas: gola, punhos, debaixo dos braços, etc.

3.º — Para branquear a roupa estende-se ao sol depois da primeira lavagem; em estando sêca, rega-se com água. Deixando a roupa de noite sôbre a relva também branqueia.

4.º — Depois da roupa *còrada* passa-se por água limpa até se lhe tirar por completo o sabão.

5.º — Em seguida torce-se, na direcção do fio. Sacode-se e estende-se, tendo o cuidado em não o fazer sôbre arames de ferro que a possam enferrujar ou sôbre plantas com espinhos que a possam rasgar. Os alfinetes vulgares também enferrujam. Há umas molas de madeira que são baratas e prendem sem perigo a roupa.

Não se deve estender a roupa em casa, pelo menos nos quartos, por causa da humidade, prejudicial à saúde. Estende-se ao ar livre ou num sotão bem arejado. As correntes de ar ajudam a secar a roupa mais depressa.

Barrela

A barrela branqueia muito a roupa; deixa-a muito bonita. De vez em quando, quando a roupa começa a andar encardida, convém fazer-lhe barrela.

Como se faz a barrela

Acomoda-se a roupa, depois de ensaboada, num grande cêsto ou numa celha, mas é preciso que esta tenha um escoante para a água.

A roupa mais suja fica no fundo; em cima a mais fina.

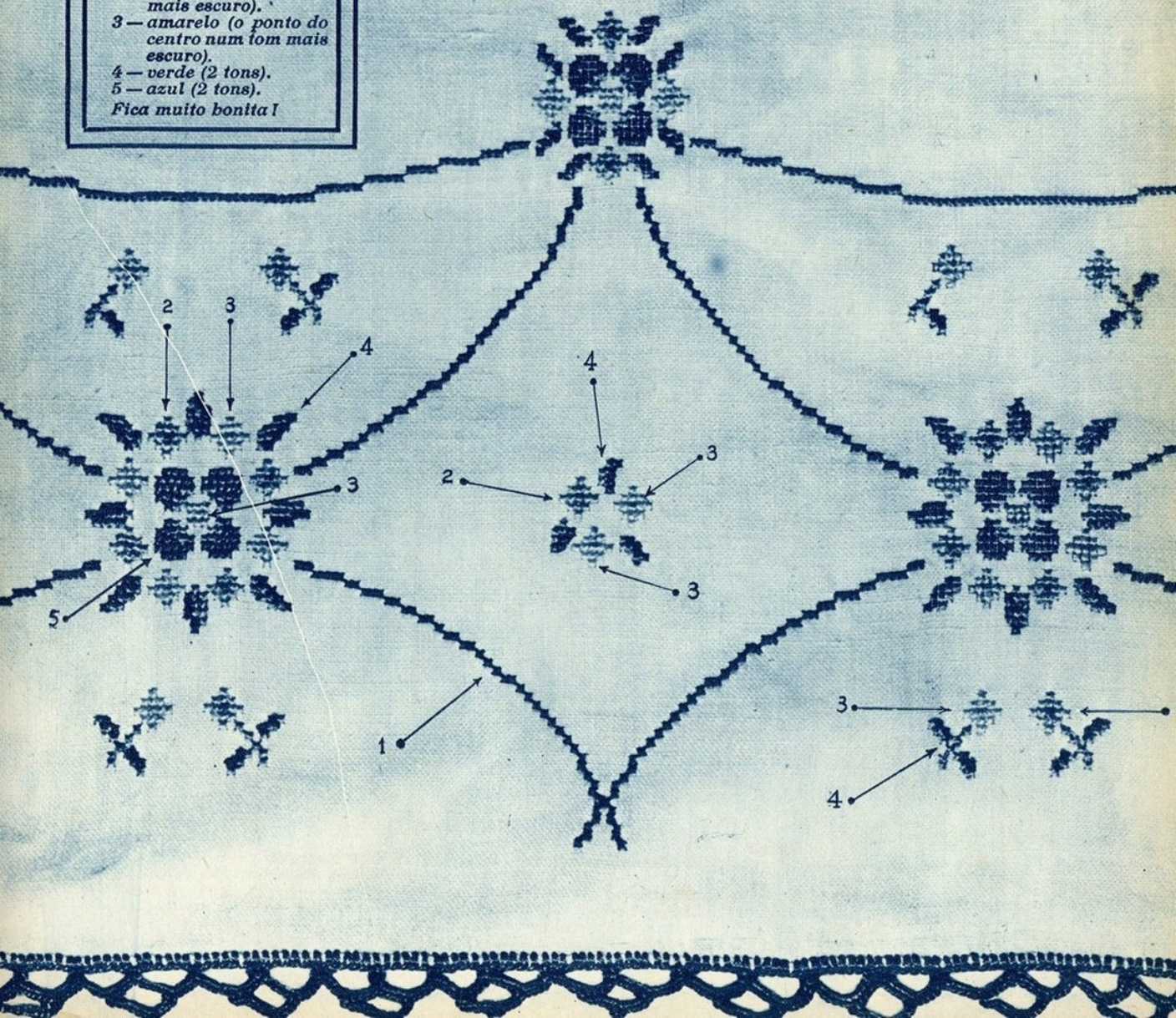
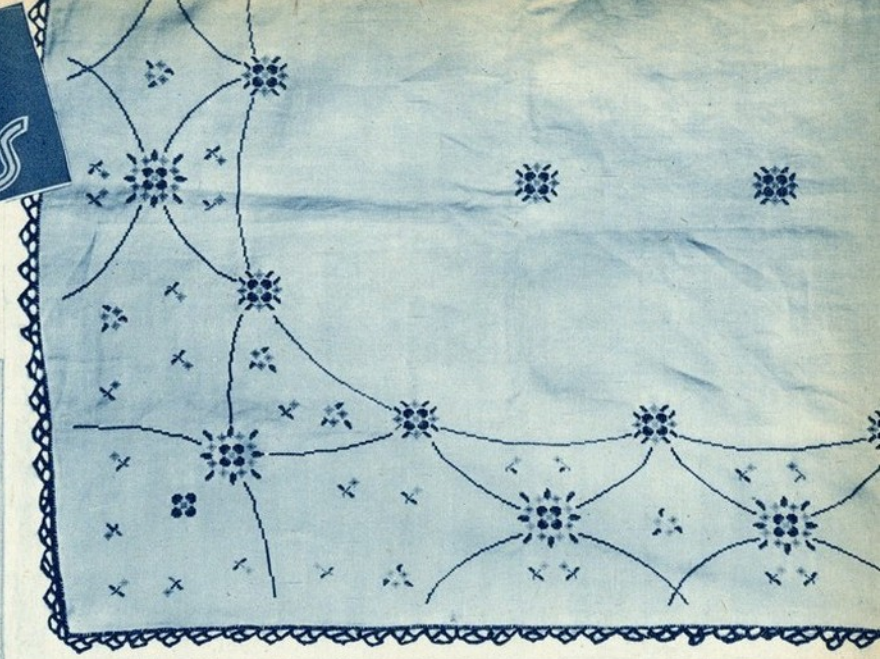
Cobre-se com uma serapilheira grossa que exceda o tamanho da vasilha e coloca-se-lhe em cima uma camada de cinza. Não é cinza de carvão: *é cinza de madeira.*

Dobram-se sôbre a cinza as pontas da serapilheira e deita-se-lhe por cima água, primeiro quente e depois a ferver. Esta água, atravessando as cinzas, arrasta com ela a potassa que as cinzas contêm, a qual, passando através da roupa, a lava e branqueia.

Esta operação repete-se várias vezes. A água deve ser renovada com regularidade.

Nunca se põe cloreto na barrela nem se mete na barrela roupa de côr porque desbotaria.

Não se deve deixar a roupa na barrela depois da água esfriar porque pode manchar.

TRABALHOS de Mãos
TOALHA
EM PONTO DE CRUZ
As setas numeradas indicam as côres em que a toalha poderá ser bordada:
1 — azul.
2 — côr de rosa (o ponto do centro num tom mais escuro).
3 — amarelo (o ponto do centro num tom mais escuro).
4 — verde (2 tons).
5 — azul (2 tons).
Fica muito bonita!

Colaboração das Filiadas

CONVERSANDO...

Meu Portugal, deixa que eu converse um pouco contigo: «Vejo que és vèlhinho, que te pesam 8 séculos, mas vejo-te forte e sorridente; contudo disseram-me que longa doença, por anos, te vergou.

Vai longe êsse tempo, de-certo, porque ressurges pouco a pouco, reintegras-te na tua grandeza passada, tornas a marcar a tua posição previlegiada no extremo da Europa; vejo-te honrado e até invejado na tua nova e gloriosa ascenção.

Como estás lindo agora! E's bem o Portugal que Afonso Henriques, Nuno A'lvares Pereira e o Infante sonharam.

E quantos Portugueses morreram por ti, por te salvarem, mas morreram a sorrir por saberem que, à custa das próprias vidas, legariam aos vindouros um Portugal capaz de resistir a todos os revezes, às mais duras provações. E nós, os descendentes dêsses bravos, ouvimos ainda as ordens do Condestabre; não te abandonaremos; és e serás sempre um Portugal independente.

Queremos-te livre, por isso sacrificar-nos-emos como herois doutras eras; seremos Portugueses de 1640, saberemos resistir como os Mártires das invasões francesas.

Teus velhos filhos quiseram mais do que mostrar-te altivo e forte; estenderam teu nome pelos mares.

D. João II apontou-te um caminho, demonstrou-te que podias possuir um Império!

Hoje tens ainda colónias, muitas e tam vastas que grandes potências se sentem esmagadas com a altivez de Angola e Moçambique.

Nós, a nova geração não esquece a herança de Mousinho, daquele que resgatou com a própria vida, o sangue do seu sangue: o Império Português.

Para que a nossa luta dora-avante seja menos árdua, foi necessário o esfôrço ingente dos que de há 15 anos por ti trabalham incansàvelmente.

Porque, meu Portugal, estavas muito doente...

Mas, milhares de Portugueses, pediam por ti a Nossa Senhora.

E, como em Ourique, Deus veio em teu auxílio.

Um Homem surgiu: Salazar.

Foi êle o médico carinhoso e sábio que te salvou com remédios caros, mas bons.

E tu que eras de rija tempera, resististe como resistiras outrora a Castelhanos e Mouros.

Curaste-te: de novo há sorrisos de confiança em todas as bôcas, há fé nos corações.

Olhamos e que vemos? Casinhas brancas dos Bairros Operários atestam a consciência tranqüila de bons portugueses; ri-se estudando; trabalha-se cantando; por todo o lado há paz, alegria portuguesa, gritos de júbilo pela segurança com que tu meu Portugal te mantens altivo no meio da guerra actual.

Agora a Mocidade, criada pelo Chefe, será a tua enfermeira que não mais te deixará em traiçoeira doença.

Cantando e rindo, rapazes e raparigas estudamos, trabalhamos com fé para juntos educarmos uma nova geração no santo amor de Deus, da Pátria e da Família.

A luta tem suas dificuldades; mas não temos os exemplos nobilíssimos de nossos maiores? Erguer-te-emos bem alto, para que grande como outrora possas dizer: «em mim está a fôrça adquirida pelo bem, pelos esforços incansáveis de todos os portugueses».

Portugal, em conversa amena mostrei-te com sinceridade, quanto de entusiasmo por ti há no meu coração.

Acredita que te falei verdade; vive tranqüilo que mil braços novos e robustos te amparam e mil bôcas rezam por ti...

MARIA HELENA

CARTA A UMA "INFANTA"

Pequenina companheira da Mocidade:

Venho hoje falar-te como amiga, como irmã mais velha que se escuta e se atende, como se atendem aqueles que só para nosso bem falam. O que quero dizer-te... é bem simples, pequenita.

Ouve: tu que ingressaste orgulhosa--orgulhoso legítimo — nas fileiras da «Mocidade Portuguesa», tu que usas ao peito, juntiuho ao coração, o emblema de Filiada, tu que experimentaste uma sensação intraduzivel — mixto de alegria e emoção — quando pela vez primeira envergaste a tua farda, já pensaste a sério, nas responsabilidades que tais honras te acarretam?

Tens direito a que te respeitem, a que te considerem como alguém que, a-pezar-de pequeno, já tem um ideal na vida; é certo. Mas cautela... a palavra direito, traz sempre consigo uma outra: dever. Dever... mas quais são os teus deveres, afinal? Os teus deveres como rapariga e sobretudo, como Filiada?

Olha, pequenita: todos êles se resumem num só: SERVIR. Servir um ideal lindo e nobre: servir a tua Pátria.

«Mas... eu sou tão pequenina»... — dirás.

E isso, que tem?... Não te pedem nada de extraordinário, não te exigem nada que seja superior às tuas fôrças... Pequenina como és, tu podes servir e bem, o teu Portugal. Tens tantas maneiras...

Queres que te indique algumas?

Serves Portugal, quando, submissa e alegre, acatas as ordens dos teus superiores.

Serves Portugal, quando estudas as lições que, ilustrando-te, te elevarão perante os outros e perante ti própria.

Serves Portugal, quando renuncias a uma distracção, a uma brincadeira, porque outro afazer mais útil te reclama.

Serves Portugal, quando na presença, seja de quem fôr, tu o enalteces, confessando o teu amor por êle.

Serves Portugal, amando a Nosso Senhor sôbre todas as coisas.

Finalmente:

Serves Portugal sempre que a tua consciência te diga teres procedido bem.

Então, é difícil? Custa muito servir? Não... eu já esperava de ti essa resposta.

E agora, mais nada. Eu sei que me compreendeste e vais tentar ser uma verdadeira Filiada.

E então sim, fazendo todo o possível por cumprires o teu DEVER, tu tens o DIREITO pleno, absoluto e sentires orgulho em trazer ao peito, juntinho ao coração, o teu emblema da «Mocidade». Hortense Luz — Filiada N.º 211 — Centro

ÀS FILIADAS DA "M. P. F."

Sabes bem, rapariga portuguesa,
O que é a «Mocidade Feminina?»
Sabes o que Ela espera da grandeza
Que há na tua alma simples de menina?

Sabes avaliar tôda a beleza
Do seu alevantado e nobre ideal?
O que pede ao valor e à firmeza
Do teu amor de filha, a Portugal?

Se compreendes bem qual o valor
Das esp'ranças a que Ela dá guarida,
Faze frutificar, com fé e amor,
A primavera em flor da tua vida!

Ajuda-a na sua obra gloriosa
De em ti formar, de corpo e alma sã,
Patriótica, forte e virtuosa,
A mulher portuguesa de àmanhã!

Graciette Agostinho Nogueira

Solução das Charadas:
Agulha — Sacristão — Valverde